



PRÁTICAS INCLUSIVAS BASEADAS EM PROCESSOS AUTOPOIÉTICOS: O CASO DO AUTISMO

Catarina Cordeiro Lima Vitorino (UFERSA)¹

Nize Maria Campos Pellanda (UFERSA)²

RESUMO

Considerando que estamos imersos numa cultura de fragmentação que separa cognição de ontogênese, o que empobrece os seres humanos em sua potencialidade autopoietica, ou seja, somos seres produtores de si mesmos, optamos por uma abordagem complexa de práticas pedagógicas que contemplem as autonarrativas como propulsoras da condição de autores (as) de adolescentes diagnosticados com autismo. Para isso, começamos por esclarecer o lugar de onde estamos falando: o paradigma da complexidade. Em tal registro, rompemos com um paradigma clássico, linear e fragmentador para adotar aquela postura científica de juntar os diferentes níveis da realidade. Para a execução de nossas práticas recorreremos à teoria da Biologia da Cognição de Humberto Maturana e Francisco Varela que, na perspectiva da complexidade mostram a inseparabilidade do conhecer/sentir voltado para a autoria (*autopoiesis*) de cada ser humano como autor de si mesmo. No caso do autismo, que é o nosso foco aqui, rompemos também com as abordagens fundamentalistas que desconsideram as condições biológicas dos seres humanos como seres amorosos e produtores de si insistindo em ações mecânicas de reforço e repetições, o que implica em muito sofrimento. Em oposição a tais procedimentos, adotamos práticas de sensibilização e afecções para mobilizar esses sujeitos no sentido de poder dizer eu a si mesmo.

Palavras-chave: Paradigma da Complexidade, Ontoepistemogênese, Abordagem complexa do Autismo.

INTRODUÇÃO

O número de estudos e pesquisas que abordam a temática do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) teve crescimento significativo nos últimos anos. Nessa lógica, as práticas inclusivas voltadas para as pessoas com TEA também tem espaço nas discussões e investigações teóricas e empíricas.

Assim, com estudo mais recente publicado em março de 2023 pelo Centers for Disease Control and Prevention (CDC, 2023) do Governo dos Estados Unidos da América, 1 em cada 36 crianças de 8 anos é autista no Estados Unidos. Dessa maneira, ressaltamos o caráter emergente acerca das práticas inclusivas baseadas em processos autopoieticos que propiciem

¹ Mestra em Cognição, Tecnologias e Instituições . Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: catarinavitorino@gmail.com.

²Doutora em Educação. Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: nizepe@gmail.com.



autonomia e liberdade, com qualidade de vida e transformações diárias, potencializadoras no devir natural.

Considerando que estamos imersos numa cultura de fragmentação que separa cognição de ontogênese, o que empobrece os seres humanos em sua potencialidade autopoietica, ou seja, somos seres produtores de si mesmos, optamos por uma abordagem complexa de práticas pedagógicas que contemplem as autonarrativas como propulsoras da condição de autores (as) de adolescentes diagnosticados com autismo.

Para isso, começamos por esclarecer o lugar de onde estamos falando: o paradigma da complexidade. Em tal registro, rompemos com um paradigma clássico, linear e fragmentador para adotar aquela postura científica de juntar os diferentes níveis da realidade. Para a execução de nossas práticas recorreremos à teoria da Biologia da Cognição de Humberto Maturana e Francisco Varela que, na perspectiva da complexidade mostram a inseparabilidade do conhecer/sentir voltado para a autoria (*autopoiesis*) de cada ser humano como autor de si mesmo.

Ademais, destacamos os processos de conhecimento de si e do mundo como partes fundantes e essenciais do ser humano na efetivação de quaisquer práticas. Sendo assim, esse artigo foi construído com base em recorte da Dissertação de Mestrado Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), intitulada “Autonarrativas de adolescentes diagnosticados com Autismo: Afecções cognitivas e subjetivas em uma abordagem complexa” (Vitorino, 2023), com intuito de demonstrar possibilidades autopoieticas constitutivas de si a partir de autonarrativas de adolescentes diagnosticados com autismo.

REFERENCIAL TEÓRICO - MARCADORES QUE SUPORTAM NOSSAS PRÁTICAS

O artigo em tela ganha contornos a partir da perspectiva da complexidade e esta, por sua vez, entende a cognição como fenômeno biológico que produz auto-organização. Segundo a Teoria da Ontoepistemogênese, cunhada no Grupo de Ações e Intervenções Autopoieticas (GAIA)³, cognição e subjetivação emergem juntas nesse processo que envolve o ser humano desde o seu nascimento.

³ GAIA - DGP-CNPq-UFERSA. Cujo eixo de convergência é Educação e Complexidade. O conceito central organizador das pesquisas vinculadas do grupo é a construção do conceito complexo de Ontoepistemogênese.



Desse modo, o Paradigma da Complexidade nos remete a práticas do cotidiano, às relações corpo e mente, às relações do eu com o mundo que nos cerca, consigo mesmo e com o outro. Esse viver/conhecer, numa visão ampla do todo e das partes no levam à Biologia da Cognição, pois para Maturana e Varela (2001) os processos de complexificação seguem o fluxo da vida e estão entrelaçados entre o conhecer e o viver, e vice-versa. São as experiências que compõe a pessoa, a vontade de viver, a potência dos seus afetos.

Outrossim, a relação do sujeito com o meio, para Maturana e Varela (2001), são como acoplamentos estruturais, ou seja, o que vem de fora perturba e provoca alterações que se acoplam à pessoa. Assim, práticas inclusivas e o TEA nos remontam ao conhecimento como fenômeno inerente ao viver, com acoplamentos, ruídos e auto-organização, entre outros, em processos circulares. Nessa perspectiva da complexidade na qual estamos trabalhando, não usamos procedimentos de adaptação mas, como referido, acoplamentos, pois não se trata de adaptar seres humanos a um mundo que não é seu, mas de proporcionar aos sujeitos diagnosticados com autismo ambientes de interações significativas.

Nesse sentido, a *autopoiesis* surge como denominação dada pelos biólogos chilenos Maturana e Varela (2014) para explicar a circularidade existente no organismo humano. Por isso, Maturana e Varela (2001; 2014) consideram que viver é conhecer, que ocorre no devir da existência humana. Ademais, como parte no processo de conhecer, há que se falar da linguagem como base das interações humanas recorrentes, seja no individual, seja no social. São conexões que se estabelecem de maneira circular e constroem modos de viver, de sentir, de amar.

Assim, um estado de *autopoiesis* interage com o meio e com o organismo, o que reflete em transformações recursivas que provocam mudanças particulares. Desse modo, esses processos internos são singulares e permitem a invenção de si. Segundo Pellanda e Pinto (2015), autonarrativas proporcionam auto-organização e por isso falar de si colabora no sentido da própria vida. Entendemos que as histórias de vida nos complexificam e nos atravessam de maneira tal que as pessoas com TEA podem ser beneficiadas com práticas que são simples e ao mesmo tempo, carregadas de complexidade.

No caso do autismo, que é o nosso foco aqui, rompemos também com as abordagens fundamentalistas (comportamentalistas) que desconsideram as condições biológicas dos seres humanos como seres amorosos e produtores de si insistindo em ações mecânicas de reforço e repetições, o que implica em muito sofrimento. Em oposição a tais procedimentos, adotamos práticas de sensibilização e afecções para mobilizar esses sujeitos no sentido de poder dizer eu a si mesmo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - AUTOPOIESIS EM AÇÃO: INTERVENÇÕES AUTOPOIÉTICAS COM ADOLESCENTES DIAGNOSTICADOS COM AUTISMO

A Dissertação “Autonarrativas de adolescentes diagnosticados com Autismo: Afecções cognitivas e subjetivas em uma abordagem complexa” (Vitorino, 2023) teve seus sujeitos escolhidos após a aprovação do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), entre alunos matriculados em unidade educacional da rede privada, na cidade de Mossoró/RN, na faixa etária entre 14 e 16 anos, diagnosticados com autismo.

No primeiro encontro, visitamos a unidade escolar para entrega e assinatura de início da pesquisa, momento em que aproveitamos para apresentar formalmente as ideias iniciais do projeto para a equipe pedagógica e administrativa e num segundo encontro realizamos uma reunião com as famílias para apresentação do projeto, seguido de convite para participação dos seus filhos.

Com as autorizações de participação, uso de imagens e áudios, iniciamos as atividades que julgamos propulsoras de transformações. Realizamos oficinas e solicitamos autonarrativas escritas e/ou gravadas de todos os participantes, com foco nas percepções acerca de como acontecem e se transformam as afecções cognitivas/subjetivas dos adolescentes diagnosticados com autismo. Os momentos referidos foram gravados e, posteriormente, transcritos para nossas observações sobre o objeto de estudo.

Desse modo, a proposta foi realizar oficinas que disparassem movimentos autopoiéticos. Além da oficina que convidou às autonarrativas escritas e em vídeos, a música também compôs esse convite a viajar por si mesmo, bem como um chamado à criatividade diante de uma tela em branco com a proposta de desenhar e pintar uma mandala. Os encontros foram realizados no contraturno, nas dependências da escola. Optamos pela realização de oficinas de reconfiguração nas quais os sujeitos da pesquisa têm a possibilidade de compartilhar suas experiências a partir das observações propostas pelas pesquisadoras.

Nessa lógica, a pesquisa foi constituída da interpretação, compreensão e discussão em forma de texto sobre as narrativas dos adolescentes com autismo, a partir de reflexões sobre as afecções cognitivas/subjetivas em todo o processo vivido. Foram observadas as anotações feitas no Diário de Bordo da pesquisadora, as autonarrativas nas oficinas, os áudios e as imagens, incluindo todos os produtos oriundos das atividades propostas na busca pela autorreflexão e pelo dizer de si.

Seguimos os marcadores já mencionados: *autopoiesis*, acoplamento estrutural e complexificação pelo ruído. Kastrup (2007) nos apresenta uma perspectiva da cognição como invenção de si e do mundo, num processo que se autorregula, de maneira autopoiética, como para Maturana e Varela (2001). Ambos os autores propõem que os seres vivos estão em constante produção de si, numa criação de sua própria estrutura enquanto organismo vivo, em permanente movimento.

Assim, para Maturana e Varela (2001), o acoplamento estrutural deriva de perturbações recíprocas entre meio e organismo, tendo como consequência mudanças estruturais mútuas, a ponto de unidade e meio se confundirem simultaneamente. Nesse sentido, Morin (2015b, p. 107) entende que “é preciso alguma coisa semelhante a uma potencialidade reorganizadora inclusive na auto-organização que recebe o acontecimento aleatório”. A complexificação pelo ruído perpassa a ordem, a desordem e a organização.

A partir do paradigma da complexidade, com o intuito de unir o que foi separado e abordar o Transtorno do Espectro do Autismo por essa perspectiva paradigmática, a cartografia emergiu no bojo do processo empírico. Não realizamos a captação de dados, pois estamos calcadas nos seguintes pressupostos teóricos da complexidade: na construção de *autopoiesis* (meta conceito), que nos mostra que o que vem de fora não determina o que acontece com os seres vivos; no acoplamento estrutural, que diz respeito à maneira como nos relacionamos e nos constituímos com o meio; e na complexificação pelo ruído, ou seja, no processo que envolve as perturbações internas e externas do ser humano.

Nesse sentido, a mestranda, que no primeiro momento gostaria de saber sobre eles, sobre o seu dia a dia, da rotina, pediu que fizessem isso por escrito. Poucos minutos depois, os Participantes 2 e 3 (como foram denominados os participantes: P1, P2, P3) disseram que haviam acabado a produção, que não passava de um parágrafo. Assim, resolvi fazer perguntas disparadoras para conhecê-los melhor, em autonarrativas orais.

De acordo com González Rey (2003), os sentidos subjetivos surgem gradualmente na expressão do sujeito. O investigador deve transitar em espaços conversacionais e de expressão, na liberdade do sujeito de construir, o que facilitará a emergência dos elementos a serem estudados, ou seja, nas configurações subjetivas.

Logo, a proposta para o nosso segundo encontro teve como foco a música. Apresentamos um vídeo que falava sobre sons, melodias e outros mais relacionados à música. Em seguida, iniciamos um diálogo. P1 imediatamente disse que não estava com vontade de falar sobre suas músicas preferidas. Já P2 possui um gosto pelos sons, pelas batidas e ritmo das músicas. É isso que mais o aproxima delas, pois não reconhece o que dizem as letras, na maior parte das vezes em inglês, apenas se deixa levar pelos ritmos, que na sua preferência é o rock. Quanto a P3, quando partimos para as suas músicas preferidas, ele se soltou um pouco mais.

Dessa maneira, a música também pode ser uma maneira de ajudar as pessoas com autismo a se sentirem mais confortáveis e seguras em situações sociais, aliviando o estresse e a ansiedade. No entanto, é importante destacar que cada indivíduo com autismo tem suas próprias necessidades e preferências, e a escolha da música e sua utilização devem ser baseadas nas necessidades individuais.

Como símbolo do *self*, Jung *et al.* (2016) ressaltam que esse é o círculo (ou esfera) que representa a totalidade em todos os seus aspectos relacionados à psique, incluindo a ligação homem e natureza, num movimento integral que envolve a consciência e suas funções (pensamento, sentimento,

intuição e sensação) capazes de preparar o indivíduo para impressões que vêm de dentro e de fora de si mesmo. Nesse sentido, nossa proposta para a terceira oficina foi desenhar e pintar uma mandala.

Logo, P1 ficou completamente à vontade. Ao final, disse se sentir feliz ao fazer a mandala, e fez para quem gosta de todas as cores, assim como ele. As expressões faciais dele comoveram e também trouxeram alegria no processo da pesquisa. P2 teve certa dificuldade em se entregar ao momento de criatividade. De repente, parecia saber o que fazer; de repente, parecia perdido, mas ao final, concluiu a tarefa. Com efeito, P3 estava um pouco disperso, como se estivesse ansioso e sem demonstrar inicialmente tanto interesse na atividade, mas seguiu bem.

Assim, há que se falar da mandala na pintura, na arquitetura, no planejamento de cidades, nas suas significações religiosas, na sua relação com o homem, com o *self* e a construção de *autopoiesis*, bem como na complexificação pelo ruído e no acoplamento estrutural vigente com o mundo que nos cerca.

Nesse sentido, as imagens expressam o cotidiano, repleto de detalhes visíveis e invisíveis, com variação que segue o olhar do observador que faz o registro. A terceira oficina foi um convite à fotografia. P1 estava tranquilo e apresentou as capturas fotográficas que fez com delicadeza. Já P2 chegou assertivo sobre o sentimento das imagens que capturou. Cada uma com seu significado para ele. P3 chegou tranquilo, mais à vontade, pois acredito que nos familiarizamos ao longo dos encontros. Ele explanou de forma interessada sobre as imagens que fez.

Dessa maneira, avançamos e provocamos ainda mais a subjetividade de cada participante. De acordo com Damásio (2015), quanto mais a consciência se expande, maior a abertura para conhecer o que está ao redor, mais naturalidade e facilidade para conhecer e ser sob a luz que ilumina o self. A meditação é amplamente reconhecida como uma prática eficaz para o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal.

“É necessário saber se distanciar, se objetivar, se aceitar, meditar e refletir” (Morin, 2015a). Ambos os participantes se entregaram e se permitiram viver o momento da meditação que lhes foi proposta. Nosso intuito foi propiciar essa pausa, mesmo que de maneira singela para seguir na direção e na busca do que há de mais sagrado.

Refletir sobre sua biografia, sobre se conhecer no percurso e se permitir objeto de conhecimento e subjetivação sustenta e reforça o eu, um indivíduo único, particular. “É fascinante pensar que a constância do meio interno é essencial para manter a vida e que ela pode ser uma diretriz e uma âncora para o que, na mente, finalmente virá a ser um self” (Damásio, 2015, p. 115).

Com isso, a sexta oficina foi um convite à escrita de uma carta para si mesmo. Escrever para si mesmo é um estado autopoietico, de acoplamento estrutural e de complexificação pelos ruídos com estruturas das mais delicadas e sutis composições. Mais uma vez, corpo e mente estão em um compasso vivo, que traduz o existir, em homeostase infinita (reações fisiológicas coordenadas mantenedoras do corpo e característica de um organismo vivo).



Assim, diante do exposto, temos em mente que há muito para fazer no sentido de alcançar as afecções cognitivas e subjetivas de adolescentes diagnosticados com autismo e propomos então práticas inclusivas possíveis baseadas em processos autopoieticos. Processos esses que tem relação direta com a subjetividade de cada ser humano constituído, no espectro do autismo ou não. A ideia é seguir adiante com proposituras que investiguem o autismo e a natureza autocriadora de si mesmo, das percepções do outro e do mundo, de maneira circular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nos leva a considerações que transcendem a realidade observada de fora, traz um percurso de subjetividade e *autopoiesis* recursiva, acompanhado o tempo inteiro por acoplamentos estruturais nas interações do cotidiano, complexificado pelos ruídos no decorrer de todo o processo, pautado na Complexidade, de Morin; na Biologia do Conhecer, de Maturana e Varela; e na Teoria da Ontoepistemogênese, cunhada no Grupo GAIA.

Tivemos a oportunidade de perceber as transformações cognitivo-afetivas como respostas às provocações realizadas. Foram semanas com encontros significativos e revolucionários da realidade vivida. A cada oficina as mudanças corporais davam sinais de empatia e desprendimento, de reconfiguração das experiências propostas e de acolhimento em relação à pesquisadora. Consideramos que essas evidências de transformações nos dão a convicção de que nossa opção teórica complexa está correta. O conceito de Ontoepistemogênese mostrou sua eficácia como um conceito/princípio organizador.

As autonarrativas são ricas em expressão e conteúdo com potencial reconfigurante. Cada encontro nos permitiu acessar áreas diversas e trouxe à reflexão o quanto os processos físicos e psíquicos nos conduzem na corporalidade, no social, no dever ser ou não. Transformamo-nos ao refletir sobre os aspectos aparentemente simples que se complexificam no ser e no viver.

Desse modo, as oficinas realizadas nos proporcionaram encontros, além de espaços de interações, verdadeiros momentos de poder ser, de liberdade existencial, de entrelaçamento do linguajar e do emocionar. Cada participante compartilhou a sua realidade vivida e experimentada de maneira singela e singular, no espaço-tempo pertencente unicamente a cada um deles, de modo particular.

Sendo assim, o que propomos são ações práticas apoiadas em autonarrativas, que podem modificar estruturas e conexões neurais, sem modelo pronto ou acabado, mas atividades que tenham um olhar transdisciplinar, livre de preconceitos ou quaisquer impedimentos. Dar espaço, vez e voz aos adolescentes diagnosticados com TEA é apostar na vida com dignidade, no presente/futuro com autonomia e felicidade.

REFERÊNCIAS

CENTERS FOR Disease Control and Prevention. Autism Spectrum Disorder (ASD). **Autism spectrum disorder in teenagers & adults**. Disponível em: <https://www.cdc.gov/ncbddd/autism/autism-spectrum-disorder-in-teenagers-adults.html>. Acesso em: 25 mar. 2023.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. Tradução: Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

JUNG, C. G. *et al.* **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3^a especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MATURANA, H. R. **A ontologia da realidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução Humberto Marioti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORIN, E. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Tradução de Edgard Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015b.

PELLANDA, N. M. C.; PINTO, M. M. Autonarrativas no fluxo da pesquisa: operando com operações dos observadores. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n.57, p. 261-274, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/zzD79mGcFyjn4mF8LjLGMRf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 dez. 2022.

VITORINO, C. C. L. **Autonarrativas de adolescentes diagnosticados com autismo: afecções cognitivas e subjetivas em uma abordagem complexa**. 124 f. 2023. Dissertação (Mestrado em Cognição, Tecnologias e Instituições) – Programa de Pós-Graduação em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Mossoró/RN. 2023.